

PHILIP ROTH

O professor do desejo

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1977 by Philip Roth
Todos os direitos reservados
1ª edição brasileira: Editora Francisco Alves, 1978

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The professor of desire

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Carmen T. S. Costa
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip
O professor do desejo / Philip Roth ; tradução Jorio Dauster. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: The professor of desire.
ISBN 978-85-359-2213-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-14706

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

A tentação me vem de início na figura notável de Herbie Bratasky, diretor social, chefe de orquestra, *crooner*, cômico e mestre de cerimônias do hotel de veraneio nas montanhas de propriedade de minha família. Quando não está envergando o justíssimo calção de banho de tecido elástico com que dá aulas de rumba na beira da piscina, ele se veste nos trinquês, em geral usando o blusão vermelho e creme sobre as calças amarelas que começam largas e se afinam pouco acima dos sapatos brancos de bico fino com furinhos. Tendo outra tirinha a postos no bolso, ele saboreia um chiclete Black Jack com vagarosa insolência, no que mamãe zombeteiramente chama de seu estilo “nhac-nhac”. Abaixo do estiloso cinto fino de pele de crocodilo e da curva dourada feita pela corrente do chaveiro, um joelho trabalha incessantemente dentro da perna da calça, acompanhando os tantãs que só Herbie ouve e são percutidos naquele Congo que é seu cérebro. Nosso folheto de propaganda (desde a quarta série escrito por mim em colaboração com o dono do hotel) destaca Herbie como “o Cugat judeu e o Krupa judeu —

combinados numa só pessoa!"; mais adiante, ele é descrito como "um segundo Danny Kaye" e, para concluir, a fim de que todos compreendam que aquele rapaz de vinte anos e sessenta e cinco quilos não é um João-ninguém e que o Hungarian Royale do sr. Kepesh não é um hotelzinho qualquer, como "um outro Tony Martin".

Nossos hóspedes parecem tão fascinados quanto eu pelo exibicionismo desavergonhado de Herbie. Tão logo se acomode numa cadeira de balanço de vime da varanda, o recém-chegado já ouvirá de algum velho freguês vindo da tórrida cidade na semana anterior tudo que precisa saber sobre o fenômeno de nossa tribo. "E espere só para ver o bronzeado do rapaz. Ele tem esse tipo de pele que nunca se queima; apenas se bronzeia. Pele como a desse garoto só existiu nos tempos bíblicos."

Por ter um tímpano perfurado, nossa principal atração — como Herbie gosta de chamar a si mesmo, sobretudo diante da desaprovação de mamãe — continua conosco durante a Segunda Guerra Mundial. Nas cadeiras de balanço e mesas de jogo, se discute se o defeito é congênito ou autoinfligido. A mera sugestão de que algo mais do que a Mãe Natureza tenha tornado Herbie incapaz de lutar contra Tojo, Mussolini e Hitler me deixa enfurecido. Fico mortificado só de pensar nisso. No entanto, é excitante imaginar Herbie pegando um alfinete de chapéu ou um palito — quem sabe um furador de gelo! — e se mutilando deliberadamente para tapear a banca de recrutamento.

"Não me surpreenderia se ele tivesse feito isso", diz o hóspede A-owitz, "nada que esse espertalhão fizesse me surpreenderia. Ele é um perigo!" "Bobagem, ele não fez nada disso. É um garoto patriótico como qualquer outro. Sei por que ele ficou assim meio surdo, e peço ao doutor aqui para dizer se não tenho razão: foi de tanto tocar bateria", diz o hóspede B-owitz. "Ah, esse menino é um prodígio na bateria", diz C-owitz, "e já podia

estar tocando no Roxy — acho que só não está porque, como você falou, ele tem esse problema de audição.” “Seja como for”, diz D-owitz, “ele nunca deixa claro se usou ou não algum instrumento.” “Mas esse é o lado artístico dele deixando a gente em suspense. Faz parte da encenação bancar o maluquinho, dar a impressão de que é capaz de tudo.” “Pode ser, mas acho errado ele brincar com isso. Os judeus já são obrigados a enfrentar muitos problemas.” “Ora, por favor, um garotão que se veste desse jeito e até usa uma corrente de chaveiro, trabalhando o corpo o dia todo como ele trabalha, tocando bateria como toca, você acha que ele ia se causar um dano físico sério só por ser contra o esforço de guerra?” “Aliás, Gin, concordo com você cem por cento.” “Ah, você me pegou de calças curtas, seu sacana. Que diabo eu estava fazendo com todos esses valetes na mão, alguém pode me dizer? Olha, sabe o que é difícil de encontrar? O que não se encontra toda hora é um rapaz que seja tão bonito e tão engraçado quanto ele. Ser bonito assim, ser engraçado e ainda fazer o que ele faz na bateria, isso para mim é alguma coisa especial nos anais da indústria do entretenimento.” “E o que você me diz dele na piscina? No trampolim? Se o Billy Rose o visse fazendo essas palhaçadas na água, ele estaria amanhã no show dos aqualoucos.” “E a voz então?” “Se não brincasse com a voz, se cantasse para valer...” “Se cantasse a sério já estaria no Metropolitan Opera.” “Ah, meu Deus, se ele quisesse se dedicar a isso a sério, poderia ser um grande cantor litúrgico na sinagoga, sem o menor problema. Ia arreentar corações. Imagina só ele envolvido num xale branco com essa pele bronzeada!” E nesse instante, finalmente dão por mim no fundo da varanda montando o modelo de um Spitfire da RAF. “Ei, Kepeshinho, vem cá e para de ficar escutando escondido. Com quem você quer ficar parecido quando crescer? Escutem isto, parem de embaralhar as cartas um momento. Quem é o seu herói, Kepeshinho?”

Não preciso pensar duas vezes, nem mesmo pensar. “Herbie”, respondo, para gáudio dos homens no grupo. Só as mães parecem um pouco consternadas.

Sim, senhoras, quem mais poderia ser? Quem é tão ricamente dotado a ponto de conseguir imitar a pronúncia do Cugat, um chofar sendo soprado e, a meu pedido, um caça descendo a pique sobre Berchtesgaden — e o Führer indo à loucura ao ser atacado? O entusiasmo e o virtuosismo de Herbie são tais que papai às vezes precisa lhe dizer que guarde para si certas imitações, por melhores que sejam. “Mas”, protesta Herbie, “meu peido é perfeito.” “Tanto quanto eu saiba, talvez seja”, responde o patrão, “mas não diante de uma plateia de homens e mulheres.” “Mas venho treinando há meses. Escuta!” “Ah, Bratasky, me poupe, por favor. Isso não é exatamente o que um hóspede simpático e cansado quer ouvir num espetáculo depois do jantar. Você compreende, não é mesmo? Ou não? Às vezes eu não te entendo, não sei por onde anda a sua cabeça. Não vê que essa gente é toda certinha? Não entende que há mulheres e crianças presentes? É simples, meu amigo: o chofar é para os grandes feriados, aquela outra coisa para o banheiro. Ponto final, Herbie, e estamos conversados.”

Então ele vem imitar para mim, seu maravilhado acólito, os ruídos que meu pai intransigente não o deixou fazer em público. É capaz de simular não apenas a panóplia de sons — indo do mais débil sussurro de vento primaveril a uma salva de vinte e um tiros de canhão — com que a humanidade emite seus gases, mas também uma diarreia aguda. Não apenas, como fez questão de me informar de início, um pobre coitado em cólicas — coisa que já dominara nos tempos de ginásio —, e sim os pungentes acordes wagnerianos de um *Sturm und Drang* fecal. “Eu podia entrar para o Ripley’s”, ele me diz. “Você lê o Ripley’s, não lê? Então pode julgar se tenho ou não tenho razão!” Ouço um zíper

se abrindo e em seguida um jorro dos mais invejáveis bombardeando o vaso de porcelana. Depois o ronco surdo da descarga, seguido do gargarejo e soluço de uma bica relutante de onde a água começa a correr. Tudo isso emanando da boca de Herbie.

Eu poderia me prostrar a seus pés em adoração.

“E escuta só *essa!*” Duas mãos se ensaboando — mas aparentemente dentro da boca de Herbie. “Durante todo o inverno eu ia para o banheiro do Automat e ficava lá sentado, escutando.” “Ia mesmo?” “Claro. Escuto tudo que faço toda vez que vou ao banheiro.” “Verdade?” “Mas o sabichão é o seu pai, e para ele isso não passa de porcaria! ‘Ponto final!’”, acrescenta Herbie, imitando papai.

E ele diz tudo isso com a maior seriedade. Acho incrível, e fico pensando como é que Herbie pode conhecer tão bem e se dedicar tanto aos barulhos de um banheiro. Por que essa gente sem imaginação nem ouvido, como papai, dá tão pouca importância a isso?

É o que sinto no verão, quando estou submetido ao feitiço desse baterista diabólico. Mas depois, quando o Yom Kippur chega e Bratasky vai embora, de que me serviu haver aprendido o que alguém como ele tem para ensinar a um menino em fase de crescimento? Nossos -witzes, -bergs e -steins se dispersam da noite para o dia rumo a regiões tão remotas para mim quanto a Babilônia — os Jardins Suspensos chamados Pelham, Queens e Hackensack —, e o território local é retomado pelos nativos que aram os campos, ordenham as vacas, tocam lojas e trabalham o ano inteiro para o Estado e o país. Sou um de dois judeus numa classe de vinte e cinco crianças, e uma compreensão das normas e preferências da sociedade (tão enraizada em mim, aparentemente, quanto uma suscetibilidade às coisas febricitantes, teatrais e estranhas) me diz que, por mais que me sinta tentado a acender meu estopim e mostrar a esses matutos alguns fogos de

artifício do Herbie, só devo me distinguir dos colegas pelas notas. Sem que papai precise me lembrar disto, compreendo que agir de outra forma não me levará a lugar nenhum. E o que ninguém espera de mim é que eu vá a lugar nenhum.

Assim, tal como um menino numa ilustração de calendário, caminho quase três penosos quilômetros e meio pela estrada da montanha, em meio aos montes de neve acumulados pelo vento, rumo à escola onde passo os invernos tirando notas excelentes, enquanto bem ao sul, na maior cidade do mundo, onde vale tudo, Herbie (que vende linóleo para um tio durante o dia e toca num conjunto latino-americano nos fins de semana) se dedica a aperfeiçoar suas mais recentes impressões sobre lavatórios públicos. Ele noticia seus progressos numa carta que mantenho escondida no bolso de trás da minha calça que vai até a altura dos joelhos, e que releio sempre que tenho oportunidade; com exceção de cartões de aniversário e de algum material sobre a minha coleção de selos, essa era a única correspondência que eu havia recebido até então. Naturalmente, vivia apavorado com a possibilidade de que, se me afogasse ao patinar no gelo ou quebrasse o pescoço ao descer a colina de tobogã, o envelope enviado de BROOKLYN, NY seria achado por um de meus colegas de escola, e todos eles ficariam ali parados em volta do meu cadáver, tampando o nariz enojados. Mamãe e papai morreriam de vergonha. O Hungarian Royale perderia seu bom nome e iria à falência. Provavelmente não deixariam que eu fosse enterrado no cemitério com os outros judeus. E tudo por causa daquilo que Herbie ousava escrever numa folha de papel e enviar por uma agência postal do governo para um menininho de nove anos, que é visto por seu mundo (e conseqüentemente por ele próprio) como alguém puro. Será que Bratasky não consegue mesmo entender o sentimento que pessoas decentes têm com relação a essas coisas? Não sabe que pelo simples fato de enviar uma carta dessas

está provavelmente cometendo um crime e me transformando em seu cúmplice? Porém, se é assim, por que persisto em carregar o documento incriminador comigo o dia todo? Ele continua no meu bolso mesmo quando estou de pé batalhando pelo primeiro lugar na competição semanal de ortografia contra a também judia de cabelos encaracolados e futura concertista de piano, a brilhante Madeline Levine; e continua no bolso do meu pijama à noite, para ser lida à luz da lanterna debaixo dos lençóis, e para que depois eu durma com ela perto do meu coração. “Venho desenvolvendo um método científico para reproduzir o som do papel quando ele é puxado do rolo. Com o quê, garoto, estou quase controlando a porra toda: Herbert L. Bratasky *e ninguém mais no mundo* sabe imitar um cara dando uma mijada, cagando, tendo uma diarreia — e desenrolando o próprio papel. Só me falta escalar uma última montanha — o som dele limpando o cu!”

Com dezoito anos, tendo acabado de entrar para a Universidade de Syracuse, exhibo dotes de imitador quase iguais aos do meu mentor, mas, em vez de reproduzir o repertório de Bratasky, imito o próprio Bratasky, os hóspedes e os empregados do hotel. Arremedo nosso maître húngaro, que, todo engalanado em seu smoking, dá demonstrações de afabilidade no salão de jantar — “Por aqui, Monsieur Kornfeld, por favor... Madame, um pouquinho mais da tripa?” — para depois, de volta à cozinha, ameaçar de estrangulamento, no iídiche mais grosseiro, o chef alcoolizado. Arremedo nossos góis: o aparvalhado faz-tudo George observando timidamente a aula de rumba das mulheres na beira da piscina, e Big Bud, o musculoso salva-vidas (além de responsável pela manutenção do terreno do hotel) que, apesar de já entrado em anos, passa belas cantadas nas senhoras casadas e até mesmo em suas filhas casadouras que bronzeiam ao sol seus narizes recentemente operados. Reproduzo até um longo diá-

logo (tragicômico-histórico-pastoral) de meus exaustos pais se despindo para dormir na noite seguinte ao fechamento do hotel no final da estação. Às vezes me surpreende que os eventos mais banais de minha vida anterior sejam considerados tão *divertidos* pelos outros — assim como me espanta descobrir que nem todo mundo parece ter tido seus anos de formação tão densamente povoados com figuras interessantes. E nem tinha me passado pela cabeça que eu próprio fosse tão interessante.

Nos primeiros semestres na universidade, fui agraciado com papéis de destaque em peças de Giraudoux, Sófocles e Congreve. Apareci numa comédia musical, cantando e até dançando (no meu estilo). Aparentemente não há nada que eu não possa fazer no palco — aparentemente não há nada que possa me manter *fora* do palco. No começo do segundo ano da universidade, meus pais vêm me ver no papel de Tirésias — como personagem, mais velho que os dois juntos — e, mais tarde, na festa da noite de estreia, observam constrangidos quando atendo o pedido dos outros atores para imitar o nobilíssimo rabino de dicção perfeita que todos os anos vem da “distante” Poughkeepsie para conduzir os serviços dos feriados especiais no salão do hotel. Na manhã seguinte, os levo para conhecer o campus da universidade; no caminho para a biblioteca, vários alunos me cumprimentam pela representação que fiz de um ancião claudicante na noite anterior. Impressionada — mas também me lembrando, com um toque de ironia, que não fazia muito tempo as fraldas do artista eram trocadas e lavadas por ela —, mamãe diz: “Todo mundo já te conhece, você está famoso”, enquanto papai, lutando contra o desapontamento, pergunta mais uma vez: “E a faculdade de medicina, está fora de cogitação?”. Ao que lhe digo, pela décima vez — nada menos que pela décima vez: “Quero ser ator”, acreditando piamente nisso até o dia em que, de repente, entendo que ser um ator a meu modo é a atividade mais sem sen-

tido, mais efêmera e mais egotística que existe. Enraivecido, me censuro por haver permitido que tanta gente me conhecesse e tivesse enxergado a profundidade da tola vaidade que os limites estreitos do ninho e a rigidez dos galhos haviam impedido anteriormente que eu expusesse até a mim mesmo. Humilhadíssimo por meu comportamento ter sido posto a nu, considero ir para outra universidade, onde possa começar do zero, não conspurcado, conforme o olhar dos outros, pela atração egomaníaca que as luzes da ribalta e os aplausos exerciam sobre mim.

Seguem-se meses em que adoto um novo objetivo penitencial a cada semana. Vou entrar para a faculdade de medicina e estudar para ser um cirurgião. Embora, talvez, como psiquiatra possa fazer mais bem à humanidade. Vou ser um advogado... um diplomata... por que *não* um rabino, um rabino contemplativo, estudioso, *profundo*... Leio *Eu e você*, de Buber, e os contos chassídicos. De volta à casa, nas férias, faço perguntas a meus pais sobre a história da família no velho país de origem. Mas, como já se passaram mais de cinquenta anos desde que meus avós emigraram para os Estados Unidos, como eles estão mortos e seus filhos em geral guardam um mínimo interesse sentimental por nossas origens europeias, após algum tempo abandono as indagações e, com elas, a fantasia rabínica. Mas não o esforço de me ancorar em coisas substanciais. Lembro com grande repugnância minha decrepitude em *Oedipus Rex*, meu charme travesso em *Finian's Rainbow* — todo aquele faz de conta enjoativo! Quanta frivolidade, quanta exibição alucinada! Com vinte anos, preciso parar de arremedar os outros e me assumir como gente, ou ao menos começar a imitar a pessoa que agora creio que deva ser.

Ele — o próximo eu — revela ser um jovem sóbrio, solitário e bastante refinado que se dedica à literatura e às línguas europeias. Meus colegas de teatro acham engraçado como abandonei o palco e me refugiei numa pensão, tendo por única companhia

aqueles grandes autores que, antes de me formar, eu dizia serem os “arquitetos de minha mente”. “É, o David saiu do mundo”, teria dito meu rival no grupo de teatro, “para se tornar um sacerdote.” Bem, de fato tenho meu jeito especial de ser e, aparentemente, o poder de dramatizar minhas escolhas, mas acima de tudo sou um absolutista — um *jovem* absolutista —, e não sei como me desembaraçar de uma velha pele sem enfiar o bisturi e dilacerá-la de ponta a ponta. Sou uma coisa ou outra. Assim, com vinte anos, propus-me a desfazer as contradições e superar as incertezas.

Nos anos restantes da universidade, vivo mais ou menos como nos invernos de minha juventude, quando o hotel ficava fechado e eu lia centenas de livros da biblioteca ao longo de centenas de tempestades de neve. O trabalho de reparação e renovação prossegue sem cessar durante os meses árticos — ouço o som de correntes de pneus mordendo a superfície das estradas das quais a neve foi retirada, ouço as tábuas sendo derrubadas do caminhão sobre a neve, ouço os sons simples e inspiradores do martelo e da serra. Mais além do peitoril forrado de neve, vejo George e Big Bud indo reformar os chalés próximos à piscina coberta. Aceno, George toca a buzina... e para mim é como se os Kepesh fossem agora três animais num estado acolhedor e inexplorável de hibernação, Mamãe, Papai e o Filhote acomodados com toda a segurança no Paraíso da Família.

Em vez dos animados hóspedes, temos conosco agora suas cartas, lidas em voz alta por papai, sem nenhuma falta de animação ou volume, à mesa de jantar. Ele acredita que sua especialidade é *saber se vender*, assim como *fazer as pessoas se divertirem* e, por mais grosseiras que elas sejam, *tratá-las como seres humanos*. Fora da estação de turismo, contudo, a balança do poder se desloca um pouco, e é a clientela, saudosa do repolho recheado, dos raios de sol e das risadas, que abre mão de suas atitudes impe-

riosas e exigentes. “Assim que eles assinam o registro”, diz mamãe, “qualquer *ballagula* e sua *shtunk* de mulher se acham de repente o duque e a duquesa de Windsor”, e começam a tratar meu pai como se ele fosse um mero empregadinho e não o responsável por seus protestos, como um simples coadjuvante em suas ridículas demonstrações de arrogância. Quando a neve é mais espessa, às vezes chegam quatro ou cinco cartas com notícias todas as semanas — um noivado em Jackson Heights, uma mudança para Miami por razões de saúde, a inauguração de outra loja em White Plains... Ah, como papai adora saber o que de melhor ou de pior está acontecendo com sua clientela! Para ele, aquilo é uma prova do que o Hungarian Royale representa para as pessoas — na verdade, aquilo comprova tudo, e não apenas o significado de seu hotel.

Depois de ler as cartas, ele abre um espaço na cabeceira da mesa e, junto a um prato cheio do *rugalech* de mamãe, redige as respostas com sua caligrafia esparramada. Corrijo a grafia das palavras e introduzo a pontuação onde ele apenas pôs travessões a fim de separar seu parágrafo único em blocos irregulares de tiradas filosóficas, reminiscências, profecias, ditos sagazes, análises políticas, condolências e congratulações. Mamãe, depois, bate cada carta à máquina usando o papel do Hungarian Royale encimado pelos dizeres: “*Hospitalidade de Padrão Europeu num Belo Cenário de Montanha. Leis Dietéticas Rigorosamente Observadas. Proprietários: Abe e Belle Kepesh*” — acrescentando um P. S. em que confirma as reservas para o verão seguinte e solicita um pequeno depósito.

Antes de conhecer papai durante férias passadas naquelas mesmas colinas — ele tinha então vinte e um anos e, sem profissão definida, trabalhava no verão como cozinheiro à minuta —, mamãe foi secretária de uma firma de advocacia por três anos após concluir o ginásio. Jovem meticulosa e aplicada, de uma

competência incrível, dedicava-se de corpo e alma a servir os aristocráticos advogados de Wall Street que a empregavam, homens cuja estatura — moral e física — constituiria objeto de reverência para ela até o dia de sua morte. O sr. Clark, neto do fundador da firma, continua a lhe mandar telegramas de parabéns pelo aniversário mesmo depois de se aposentar e ir morar no Arizona. E todo ano, segurando o telegrama, ela diz com ar sonhador para meu pai, cada vez mais calvo, e para mim, ali pequenininho ao lado dos dois: “Ah, ele era um homem tão alto e bonito! E tão refinado! Ainda me lembro como se levantou atrás da escrivaninha quando entrei no seu escritório para ser entrevistada. Acho que nunca vou esquecer a atitude dele”. Mas, assim quis a sorte, foi um homem corpulento e cabeludo, com peitoris proeminentes, bíceps de Popeye e nenhuma credencial social que a viu encostada num piano cantando “Amapola” junto com um grupo de veranistas vindos da cidade, e que se disse de imediato: “Vou casar com essa garota”. Os cabelos e os olhos dela eram tão escuros, suas pernas e seios tão redondos e “bem desenvolvidos”, que de início ele pensou se tratar de uma espanhola. E a paixão habitual pela impecabilidade, que a fizera ser tão apreciada pelo sr. Clark quando moço, a tornou ainda mais atraente para o jovem e dinâmico empreendedor que tinha algo de capataz de escravos em sua alma ao mesmo tempo compulsiva e servil.

Infelizmente, depois de casada, aquelas virtudes que a haviam transformado num tesouro para o austero empregador góí levam-na à beira de um esgotamento nervoso ao fim de cada verão — pois mesmo num pequeno hotel dirigido por uma só família, como o nosso, há sempre uma reclamação a ser investigada, um empregado a ser observado, roupa de cama a ser contada, comida a ser provada, contas a serem feitas... e assim por diante, já que a pobre coitada nunca consegue deixar as tarefas a cargo de quem

deveria executá-las, caso descubra que alguma coisa não está sendo Bem-Feita. Só no inverno, quando papai e eu assumimos os papéis improváveis de *père* e *filis* ao estilo do sr. Clark e ela encarna a postura perfeita de uma datilógrafa diante da grande e negra Remington Noiseless, registrando com precisão as prolixas respostas de papai, é que entrevejo a decorosa, feliz e delicada *señorita* pela qual ele se apaixonara à primeira vista.

Às vezes, depois do jantar, ela até me convida — eu, um estudante do primário — a fingir que sou um executivo ditando uma carta, para que possa me mostrar a mágica da taquigrafia. “Você é o dono de uma empresa de transportes”, ela me diz, embora na verdade só há pouco eu tenha sido autorizado a comprar meu primeiro canivete, “Vá em frente”. Ela me recorda com frequência a distinção entre uma assistente comum de escritório e o que ela foi, uma secretária especializada em assuntos legais. Papai confirma, orgulhoso, que ela de fato se destacou como a mais impecável secretária especializada daquela firma de advocacia — o próprio sr. Clark lhe havia escrito dizendo isso numa carta de congratulações quando os dois ficaram noivos. Então, em um inverno, ela entende que cheguei à idade adequada e me ensina a escrever à máquina. Ninguém, nem antes disso nem depois, me ensinou algo com tamanha inocência e convicção.

Mas isso são coisas do inverno, a estação secreta. No verão, acuada, seus olhos negros dardejам para lá e para cá, ela solta latidos e ganidos como um cão pastor cuja sobrevivência depende de conduzir o indisciplinado rebanho do dono até o mercado. Uma única ovelha que se desgarre por alguns metros a obriga a descer correndo a íngreme colina, até que um méé vindo de outro lugar a faça correr na direção contrária. E isso só termina depois dos feriados especiais, embora nem assim pare de todo. Porque, tendo partido o último hóspede, cumpre iniciar o inventário — já, já! O que foi quebrado, rasgado, manchado, lascado, espatifado, tor-

cido, rachado e roubado, o que precisa ser consertado, substituído, repintado, jogado fora — “perda total”. A essa mulherzinha simples e organizada, para quem não há nada mais lindo no mundo que uma folha de papel carbono perfeita e intocada, cabe a tarefa de ir de quarto em quarto a fim de registrar num livro de contabilidade a magnitude da violência descarregada em nosso baluarte montanhês pelas hordas de bárbaros que papai persiste em afirmar — apesar dos veementes protestos dela — serem compostas tão somente de outros seres humanos.

Assim como os ferozes invernos nas Catskill fazem cada um de nós voltar a ser um Kepesh mais doce e mentalmente mais saudável, mais inocente e sentimental, no meu quarto da Syracuse a solidão toma conta de mim e aos poucos sinto, feliz, que a frivolidade e o exibicionismo estão indo embora. Não que, por mais que eu leia, sublinhe e anote, tenha me tornado *inteiramente* altruísta. Uma máxima atribuída ao incomparável egotista Lord Byron me impressiona por sua serena sabedoria, resolvendo, com apenas seis palavras, o que começava a me parecer um dilema de dimensões morais intransponíveis. Com certa ousadia estratégica, passo a citá-la às colegas que resistem a meu assédio dizendo que sou sério demais para aquelas coisas. “Estudioso de dia”, eu informo a elas, “dissoluto à noite.” Bem cedo descubro que é melhor substituir “dissoluto” por “ardente” — afinal de contas, não estou num *palazzo* em Veneza, e sim no campus de uma universidade ao norte do estado de Nova York, não podendo perturbar as garotas mais do que aparentemente já faço com meu “vocabulário” e minha crescente fama de “ermittão”. Lendo Macaulay no curso de literatura inglesa, topei com a descrição de Steele, colaborador de Addison, e gritei “Heureka!”, pois lá estava *mais uma* prestigiosa justificação para minhas notas altas e baixas compulsões. “Um libertino entre os doutos, um douto entre os libertinos.” Perfeito! Afixei isso no meu quadro de

avisos, juntamente com a frase de Byron e logo abaixo dos nomes das garotas que eu havia decidido *seduzir*, palavra cujas ressonâncias mais profundas não me vinham das revistas de fofocas ou dos livros de pornografia, e sim de minha leitura angustiada de “*Ou isso, ou aquilo*”, de Kierkegaard.

Só tenho um amigo homem que vejo com regularidade, um estudante de filosofia feio, nervoso e desajeitado chamado Louis Jelinek, que de fato é meu mentor em matéria de Kierkegaard. Tal como eu, Louis aluga um quarto numa casa particular na cidade em vez de viver no dormitório da universidade com rapazes cujos rituais de camaradagem ele também considera indignos. Para não depender dos pais, que moram em Scarsdale e ele despreza, se sustenta durante os anos de universidade trabalhando num ponto de venda de hambúrgueres, motivo pelo qual carrega o perfume deles aonde quer que vá. Quando o toco, por acidente ou animado pelo espírito de companheirismo, Louis dá um pulo como se receasse que suas roupas fedorentas pudessem ser infectadas. “Tira a mão”, ele grunhe. “Que que há, Kepesh, ainda está querendo ser eleito para algum cargo de merda?” Eu? Nunca pensei nisso. Que cargo?

Estranhamente, tudo que Louis diz sobre mim, mesmo quando está ressentido ou faz alguma crítica, parece importante para o solene processo que chamo de “busca da autocompreensão”. Como, tanto quanto eu possa ver, ele não está interessado em agradar ninguém — família, professores, senhoria, lojistas e certamente, sem a menor dúvida, todos aqueles “bárbaros burgueses”, nossos colegas de universidade —, o imagino mais profundamente ligado à “realidade” do que eu. Sou um desses sujeitos altos de cabelos ondulados e com uma covinha no queixo que desenvolveu certas estratégias vitoriosas no ginásio e agora não consegue abandoná-las por mais que tente. Sobretudo na companhia de Louis, me sinto lamentavelmente banal: tão arru-

mado, tão limpo, tão *encantador* quando necessário e, malgrado meus inúmeros protestos, ainda não despreocupado o bastante no que tange à minha aparência e reputação. Por que não posso ser mais parecido com Jelinek, cheirando a cebolas fritas e olhando o mundo inteiro de cima? Vale a pena ver a lixeira em que ele vive! Crostas de pão, miolos de frutas, cascas e embalagens — a maior porcaria! Lenços de papel usados de um lado e do outro da cama toda revirada, lenços de papel *grudados* no chinelo esfarrapado de feltro. Segundos após o orgasmo, mesmo na privacidade do meu quarto, automaticamente jogo a prova do vício solitário numa cesta de papéis, enquanto Jelinek — excêntrico, superior, descompromissado e inatacável — não parece dar a mínima para o que o mundo possa saber ou pensar acerca de suas copiosas ejaculações.

Fiquei pasmo, não consegui absorver, durante muitas semanas não pude crer quando um estudante de filosofia disse certo dia *en passant* que “obviamente” meu amigo era um homossexual “praticante”. Meu amigo? Não pode ser. Claro que conheço “bichinhas”: todos os verões temos alguns famosos no hotel, pequenos paxás judeus de férias que Herbie me aponta. Fascinado, costumava observá-los sendo levados do sol para a sombra enquanto continuavam a tomar bebidas achocolatadas com dois canudinhos, suas testas e bochechas limpadas e secadas pelos lenços de laciaos chamados Vovó, Mamãe e Titia. E também uns poucos infelizes na escola, meninos que pareciam ter os braços aparafusados como os das meninas, incapazes de atirar corretamente uma bola com a mão por mais horas de paciente instrução particular que tivessem. Mas um homossexual praticante? Nunca, nunca em todos os meus dezenove anos. Exceto, é fato, daquela vez logo depois do meu *bar mitzvah* em que tomei um ônibus sozinho para ir a uma feira de colecionadores de selos em Albany, e no terminal da Greyhound fui assediado no mictório

por um homem de meia-idade de terno, que sussurrou por cima de meu ombro: “Ei, garoto, quer que eu chupe seu pau?”. “Não, não, muito obrigado”, respondi, e tão rápido quanto pude (sem ser ofensivo, assim espero) bati em retirada do mictório e do terminal rumo a uma loja de departamentos próxima, onde me recuperei em meio à multidão de fregueses heterossexuais. Desde então, no entanto, nenhum homossexual jamais voltou a falar comigo, ao menos nenhum que eu saiba.

Até Louis.

Ah, meu Deus, será que isso explica por que ele diz para eu me afastar quando as mangas de nossas camisas apenas se roçam? Porque ser tocado por outro rapaz tem as mais sérias implicações? Mas, se é assim, será que uma pessoa tão direta e informal quanto Jelinek não diria isso logo de cara? Ou será que, enquanto escondo envergonhado de Louis que sou no fundo totalmente comum e respeitável, um sujeito quadrado querendo se passar por sofisticado, o segredo dele para comigo é o fato de ser veado? Como para provar quão comum e respeitável realmente sou, nunca lhe pergunto. Em vez disso, espero, temeroso, o dia em que Jelinek diga ou faça algo que revele a verdade sobre ele. Aqueles montinhos de lenços de papel espalhados pelo quarto como pequenos ramalhetes de flores... será que não estão ali para divulgar, para *convidar*? Será tão improvável que certa noite, em breve, aquela criatura cerebral de nariz adunco, que por razões de princípio se recusa a usar desodorante nos sovacos e já está ficando careca, pulará de trás da escrivaninha onde disserta sobre Dostoiévski e, no seu estilo desajeitado, tentará me prender num abraço? Será que vai dizer que me ama e enfiar a língua na minha boca? E o que direi em resposta? Exatamente o que as garotas inocentes e tentadoras me dizem? “Não, por favor, não! Ah, Louis, você é muito inteligente para querer isso! Por que não podemos só falar de livros?”